



# Nota de Apresentação

Com a publicação do Dossiê “Escritoras Portuguesas de Agora”, a Revista do Centro de Estudos Portugueses presta uma homenagem a todas as autoras portuguesas que, sobretudo no período pós-25 de abril, vem contribuindo, de forma seminal, para consolidar o valor, a importância e o brilho que a literatura feita por mulheres assumiu na contemporaneidade.

Abre o volume o artigo de Bruno Mazolini de Barros, que se propõe a pensar as intrincadas relações entre espaço e experiência em *Campo de sangue*, romance de estréia de Dulce Maria Cardoso.

Na sequência, o ensaio de Cristina Costa Vieira procura demonstrar os modos como em *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge, a concretude do espaço africano funciona como acesso privilegiado à realidade da Guerra Colonial, percebida por meio da consciência da personagem Evita.

Por sua vez, o texto de Jorge Valentim enfoca o recentíssimo romance de Marlene Ferraz, *As falsas memórias de Manoel Luz*, situando-o no contexto da mais recente ficção portuguesa produzida por mulheres.

Já Fernanda Botelho é a escolhida por José Cândido Martins de Oliveira para refletir sobre determinadas questões atinentes a uma suposta condição feminina, a saber, a ambivalente relação com o espaço doméstico da casa, visto pela escritora tanto como “lugar de descanso e comodidade” como “local de vazio e solidão”.

O texto de Luísa Leal comenta, segundo um viés comparatista, o conceito de “retorno”, entendido como incontornável questão a ser debatida no quadro histórico e teórico do Portugal colonial e pós-colonial, na obra de Isabela Figueiredo, Dulce Maria Cardoso e Aida Gomes.

O conto “Marido”, de Lídia Jorge dá o mote para Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira analisar a presença da violência contra a mulher e a necessidade de exibi-la e denunciá-la como forte tendência da ficção portuguesa pós-25 de abril.

O ensaio de Maria Graciete Besse oferece ao leitor um percurso crítico da obra ficcional de Lídia Jorge desde o primeiro romance publicado *O dia dos prodígios* (1980) até *Estuário* (2018), nela ressaltando além do “testemunho notável sobre a vulnerabilidade

humana” a “reflexão estimulante sobre a importância da literatura na transformação do mundo”.

Em seguida, Maria Teresa Salgado Guimarães analisa *Tanta gente Mariana*, de Maria Judite de Carvalho, com o fito de evidenciar a impossibilidade que se apresenta às personagens femininas de se libertarem das amarras tanto sociais quanto histórico-culturais nas quais se acham enredadas.

Em *Ana de Amsterdam*, romance de Ana Cássia Rebelo, busca-se pensar a “literatura de retornados” segundo uma concepção que se afasta daquelas tradicionalmente vigentes. Almeja-se, antes, refletir sobre a escrita do eu, construída a partir de uma perspectiva feminina, numa tentativa de propor uma síntese entre o diário íntimo da personagem e a escrita “testemunhal da diáspora”.

Por seu turno, Nazaré Torrão empreende uma reflexão bastante atual acerca dos problemas de classificação dos textos em categorias literárias ou gêneros que envolvem a poesia de Adília Lopes, sobretudo em seu último livro publicado até então, *Estar em casa* (2018).

Fechando o Dossiê, o texto de Paulo Alberto da Silva Sales comenta, a partir da noção de ajuntamento, as estratégias textuais e discursivas que enformam a poética de Adília Lopes, especialmente em *Manhã*, livro de 2015.

Na seção Varia a tensão entre fingimento e testemunho – categorias concebidas por Jorge de Sena para estabelecer as linhagens da poesia portuguesa do século XX – são utilizadas para debater certas questões de poética encenadas na poesia de Sylvia Plath.

Duas resenhas fecham este número. A de Adriane Figueira comenta recente publicação de Cláudia Sampaio; a de Thiago Bittencourt esquadrinha recente antologia de poemas de Manuel António Pina, selecionados por Leonardo Gandolfi.

Tudo somado, a chamada crítica de gênero, principalmente aquela que se ocupa da escrita literária elaborada por mulheres, evidencia sua contemporaneidade na ocupação do espaço acadêmico e na expressão mais ampla de vozes que são também políticas.

Maria Graciete Besse (Universidade Paris-Sorbonne)  
Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)  
Silvana Pessôa de Oliveira (UFMG)